



## JUDITH BUTLER: POR UMA PEDAGOGIA SUBVERSIVA DECOLONIAL DE GÊNERO NO CENÁRIO EDUCACIONAL, SOCIAL E CULTURAL BRASILEIRO<sup>1</sup>

### **Miquelly Pastana Tito Sanches**

Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amapá (UEAP), Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amapá (PPGED/UNIFAP), Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).  
*Universidade Federal do Amapá-UNIFAP. E-mail: [miquellytito@yahoo.com.br](mailto:miquellytito@yahoo.com.br)*

### **Rômulo Cambraia Ribeiro;**

Licenciado em Artes pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amapá (PPGED/UNIFAP);  
*Universidade Federal do Amapá-UNIFAP. E-mail: [romulocambraia@gmail.com](mailto:romulocambraia@gmail.com)*

### **Alexandre Adalberto Pereira.**

Doutor em Educação e Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amapá (PPGED/UNIFAP).  
*Universidade Federal do Amapá-UNIFAP. E-mail: [pereiraxnd@gmail.com](mailto:pereiraxnd@gmail.com)*

### **RESUMO**

Na obra “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade” de Judith Butler (2015) objetivou investigar se há uma proposta pedagógica decolonial capaz de ampliar explicações sobre gênero no cenário educacional, social e cultural brasileiro. Trata-se de um estudo bibliográfico que tangencia o discurso tido oficial de gênero até a uma proposta que verifica, nos processos educacionais a decolonialidade, - estudo que visa à superação de opressões e resistências em reconhecer, em específico, as identidades de gênero na América Latina. Os resultados deste estudo apontam para a perspectiva de que há vieses de explicações de gênero em perspectiva pedagógica decolonial que se dão a partir da matriz moderno/colonial e eurocêntrico que historicamente subjugou, inferiorizou e invisibilizou possibilidades de serem homens e mulheres em sociedade. Conclui-se que, na perspectiva dos Estudos de Gênero em Butler, há dimensões em seu trabalho que apresenta proposta pedagógica de gênero, que chamamos de Pedagogia Subversiva Decolonial. Butler rompe com a divisão sexo/gênero que por muito tempo apoiou-se a teoria feminista, denunciando na obra, o eurocentrismo presente no conceito de “mulheres”, e as representações desses sujeitos em sociabilidade. Eis, portanto, a pedagogia decolonial em gênero - o gênero é independente do sexo, tal como o gênero, o sexo biológico é cultural e historicamente construído, e principalmente esteve fixado por um pensamento colonial, o qual se deve descolonizar como avanço ao enfrentamento de preconceitos e estereótipos sociais.

**Palavras-chave:** Educação. Gênero. Pedagogia Subversiva Decolonial.

## **1 INTRODUÇÃO**

Os estudos decoloniais, se mostram recentes na área da educação e buscam compreender os processos de formação das mentalidades na América Latina. Propomos no trabalho final da

---

<sup>1</sup> Este trabalho é um recorte dos resultados da Disciplina Pensamento Educacional Brasileiro, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP e de discussões do Grupo de Estudo e Pesquisa em Gênero, Diversidade e Decolonialidade-GEPGDD/UNIFAP.



disciplina Pensamento Educacional Brasileiro, do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), aproximar vivências nas discussões tidas nos seminários e discussões sobre gênero do grupo de estudos no qual atuamos como mediadores. Tais aproximações – Decolonialidade e gênero ampliou nosso olhar acerca de hegemonia e contra-hegemonia no cenário educacional brasileiro, que em geral são concepções atreladas à visão e atuação dos indivíduos em sociedade, alcançando assim diferenciadas instâncias formativas.

Este estudo tem como objetivo identificar se na obra “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade” a autora Judith Butler (2015) apresenta uma possível abordagem decolonial de gênero para um viés pedagógico. Sob este objetivo, sentimos a necessidade de tratar o discurso posto como oficial de gênero até que se chegue a uma proposta decolonial subversiva da modernidade. Verificar se em Judith Butler é possível encontrar processos educacionais que abordam a decolonialidade de gênero, é pensar o campo educacional a partir das diversidades sociais e culturais pedagogicamente atravessados pela matriz colonial/imperial em torno de gênero.

Consideramos os estudos de gênero ser indispensáveis à atual conjuntura cultural, não só à comunidade acadêmica e científica, mas para toda a sociedade. Logo, Judith Butler, traz em sua obra críticas que revelam como o gênero esteve associado a uma visão hegemônica de mundo demarcando processos históricos de alienação do feminino (em termos de corpo, prazer, identidade e sociabilidade) por parte de uma estrutura de pensamento patriarcal, eurocêntrica e colonial.

Assim, este estudo orientou-se pela seguinte problemática: Como Butler, uma autora que não é do campo educacional, pode ser compreendida a partir de uma perspectiva decolonial e pedagógica? Envolver-se em uma análise sobre a obra “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade” foi nossa finalidade, a fim de perceber aspecto pedagógico e decolonial.

O arremate metodológico deste estudo é de cunho bibliográfico, de modo a oferecer suporte aos direcionamentos do conjunto analítico. Recorremos inicialmente à obra de Judith Butler, e organizamos as análises a partir da temática de gênero. No primeiro momento, abordamos os conceitos de colonialidade, decolonialidade e de gênero, apresentamos o gênero enquanto uma matriz decolonial. No segundo momento, oferecemos uma leitura hegemônica/colonial para uma educação contra-hegemônica/decolonial. Problematiza e avalia a necessidade de uma pedagogia decolonial de gênero, ao passo que pelos estudos de Butler integra-se tal proposta. O terceiro, analisa como o livro da autora é um indicativo para se pensar uma proposta pedagógica decolonial subversiva. Por fim, pretende-se concluir como Butler apresenta seus estudos, e qual a importância de uma pedagogia decolonial de gênero sob a luz de sua obra.



## 2 REVISÃO DE LITERATURA

Nosso intuito é apresentar, em função da problemática exposta na introdução, os achados que o presente estudo se dedicou a investigar e descrever no âmbito da disciplina Pensamento Educacional Brasileiro. Discutem-se os dados com base nos conhecimentos teóricos de Apple (2006), Butler (2015), Lugones (2014), Mota Neto (2014), e Vásquez (2007).

Os estudos decoloniais, enquanto categoria de análise teórica começou a ser desenvolvidos recentemente no universo acadêmico, data de meados do século passado sendo encampado, sobretudo, por universidades Latino-americanas. Sua genealogia busca nas vozes, nas memórias e nas histórias dos sujeitos marginalizados e subalternizados pelos processos de exploração e dominação colonial, a reconstrução e o reconhecimento das diversas identidades, dos valores, visões de mundo, formas de organizações sociais não modernas, bem como os significados culturais, políticos e econômicos escamoteados pelo processo de colonização instituído sob a égide da Modernidade (burguesa, capitalista, branca, masculina, heterossexual, sobretudo, europeia).

De acordo com João Colares da Mota Neto (2016, p. 44): o conceito de decolonialidade trata-se de: “[...] um questionamento radical e uma busca de superação das mais distintas formas de opressão perpetradas pela modernidade/colonialidade [...] nos planos do existir humano, das relações sociais e econômicas, do pensamento e da educação”. Desse modo, segundo o autor, a decolonialidade esquadrinha as possibilidades de retomada da autonomia perdida no processo colonial e só tem sentido se tivermos como meta a compreensão de que a decolonialidade é um processo que se constitui a partir das profundas e traumáticas feridas deixadas pela onda colonizadora, sendo, portanto, um empreendimento crítico antipatriarcal, antiracista, anticapitalista e não colonial.

Cabe ainda ressaltar que em se tratando de educação percebemos a operação dessa normatização por meio da constante vigilância e adestramento que se encarregando de atribuir sentidos ideológicos à relação gênero/sexo/corpo, presente na mentalidade social, como padrões inteligíveis e imutáveis. Assim a educação se encarregou que formar culturas generificadas. Segundo Michael W. Apple:

As escolas [...] não apenas “produzem pessoas”; também “produzem o conhecimento”. São agentes da hegemonia cultural e ideológica – nas palavras de Williams, agentes da tradição seletiva e da “incorporação” cultural. Todavia, como instituições, não são apenas um dos principais agentes da distribuição da cultura efetivamente dominante; entre outras instituições, e aqui algumas das interpretações econômicas podem parecer bastante potentes, ajudam a criar pessoas (com os significados e valores adequados) que não veem outra possibilidade séria ao contexto econômico e cultural existente (APPLE, 2006, p. 40).



E nessa esteira de pensamento, reafirma Maria Lugones (2008) que o binarismo sexual se torna uma forma paradigmática de compreender, de modo prescritivo, o gênero:

Todavia se assume que o sexo é binário e facilmente determinável através de uma análise de fatores biológicos. Apesar de estudos médicos e antropológicos sustentarem o contrário, a sociedade prescreve um paradigma sexual binário sem ambiguidades no qual os indivíduos podem classificarem-se tediosamente já como masculinos e os femininos (LUGONES, 2014, p. 24, tradução nossa).

Os excertos acima no esclarecem como os ditames vão se constituindo acerca do gênero e se naturalizando no complexo empreendimento que é o comportamento humano. As sociedades foram se generificando a partir dos interesses econômicos e superestruturais, assinalando imposições e padrões a serem absorvidos e mantidos por mecanismos de poder. O que antes nunca havia se pensado em certas sociedades, em termos de gênero, após o processo de colonização capitalista europeu torna-se fator preponderante de produção de verdades para a garantia de uma produção econômica. Deprendendo disso os estudos de Judith Butler (2015) nos impele reconhecer a existência de uma colonialidade de gênero marcador de formas de ser e demarcador de processos opressivos organizados de modo profundamente sexista.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Judith Butler é uma filósofa pós-estruturalista estadunidense, uma das principais teóricas da questão contemporânea do feminismo, teoria *queer*, filósofa do campo da política e da ética. Pela autora, são problematizados a divisão sexo/gênero que por muito tempo apoiou a teoria feminista, fazendo desta sua principal crítica. Butler desconstrói o conceito de gênero politicamente definido, trazendo às discussões correntes feministas, teóricos e psicanalistas como Freud e Lacan, que a seu ver reforçam e reproduzem a visão hegemônica.

Assim, por um viés decolonial, identificamos que Butler já denunciava na obra, o eurocentrismo presente no conceito de “mulheres”, e as representações desses sujeitos em sociabilidade proposto pelos autores clássicos que conceituaram o gênero. Assim, uma possível pedagogia decolonial de gênero é em Butler percebida. Para a autora, o gênero é independente do sexo. Logo, assim como o gênero é cultural, o sexo-biológico também o é. Desta relação em que o sexo é trazido ao campo social por Judith Butler, marca a possível proposta de uma pedagogia decolonial de gênero.

O gênero em Butler ganha diferente conceitos, e isto é dinâmico na obra, a fim de fixar e apresentar a cada ideia hegemônica, uma ideia contra-hegemônica, a qual definimos como sendo



uma proposta pedagógica de subversão decolonial. Sobre a construção do gênero, diz Butler (2015, p.26) “[...] o status construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante”. O que significa dizer que, o gênero está para além do sexo. O sexo como destino biológico é em Butler excludente na mesma medida em que, o discurso biológico sendo também um discurso cultural, portanto, político se assenta numa base normativa.

Destaca-se que a genealogia das noções modernas de sexo e gênero possuem uma matriz teórica eurocêntrica baseada em uma normalidade previamente definida em termos biológicos. E isto, segundo a autora é necessário ser desconstruído. Tal (de)construção do gênero em Butler aponta para uma nova práxis, novas formas de perceber o mundo e os indivíduos. Tal práxis pressupõe um esforço coletivo, de transformação tanto dos discursos quanto das realidades concretas nos quais eles se acomodam.

Desse modo, o presente estudo procura inferir análises de cunho pedagógico nas teorias da referida autora para as questões de gênero, torna-se indispensável percorrer a compreensão de práxis no seu mais completo sentido, uma vez que os estudos sobre gênero procuram romper os paradigmas que regem a sociedade como um todo.

Neste sentido, conforme Vásquez (2007) para haver transformação no campo estrutural, a ação precisa estar articulada com a intenção, a imaginação e a possibilidade, ou seja, ter propósito. Para o autor, se em um determinado momento da história o sujeito não pensou sobre seus fins e produziu, hegemonicamente o modelo de sociedade escravista e feudal, por exemplo, atualmente ele planeja seus atos, idealiza uma sociedade sem estratificação social e, assim, luta pela derrocada do capitalismo para que se viva o socialismo. Estes são os elementos basilares constituintes da práxis a qual a filosofia de Vásquez se apropria, isto é, uma rede de intenções e métodos para que se alcance determinados fins, inclusive a tentativa de superação de hegemonias através de lutas sociais, intervenções político-partidárias e, sobretudo, engajamento educacional.

Por este raciocínio a teoria de gênero em Butler mostra-se como práxis contra-hegemônica desafiadora da atual conjuntura social e que pode se caracterizar como proposta pedagógica decolonial tendo como principal produtor/construtor de novos enunciados, que visem transformações sociais, os próprios sujeitos invisibilizados/subalternizados no processo de dominação e exploração (decolonialidade).



## CONCLUSÃO

As identificações e análises feitas na obra de Judith Butler foram positivamente constatadas, respondendo assim, às indagações sobre uma crível proposta pedagógica decolonial. De fato, a autora nos apresenta propostas contra-hegemônicas, por meio do que denominamos “Pedagogia Subversiva Decolonial”, no qual os conceitos de gênero visam romper com práticas arcaicas e que orientam as vidas dos sujeitos. Nesse sentido, ao abordar gênero, na sociedade, não se pode relacionar somente ao sexo feminino ou masculino, mas sim às múltiplas maneiras de ser e de estar no ambiente da coletividade independente das bases biológicas, pois, sexo e gênero são categorias sociais produzidas a partir de uma matriz de pensamento moderno/colonial e eurocêntrico. Logo, por meio da presente pesquisa bibliográfica, percebeu-se que, para além do que nos inculcou a Europa com seus fundamentos machistas, heteronormativos, patriarcais e brancos, a diversidade de gênero tem sua legitimidade escamoteada e sedimentada, principalmente, pelos pretensos interesses econômicos eurocêntricos burgueses. Portanto, possibilitar que emergjam com suas próprias vozes, identidades, memórias e culturas os indivíduos que historicamente foram subjugados, inferiorizados e invisibilizados pelos estratagemas do capitalismo é pôr em prática a práxis da pedagogia subversiva decolonial que pudemos extrair dos estudos de Butler, conforme a referência base deste estudo.

## REFERÊNCIAS

APPLE, Michael W. **Ideologia e currículo**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

LUGONES, María. Colonialidad y género: Hacia um feminismo descolonial. In: MIGNOLO, Walter (org.). **Gênero y descolonialidad**. Buenos Aires: Del Signo, 2014, p. 13-42.

MOTA NETO, João Colares da. **Por uma pedagogia decolonial na América Latina: Reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda**. Curitiba: Editora CRV, 2016.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO; São Paulo: Expressão Popular, 2007.